



estudos semióticos

<http://www.revistas.usp.br/esse>

issn 1980-4016
semestral

dezembro de 2013

vol. 9, nº 2
p. i–ii

Apresentação

Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva*

Eis o segundo número da temporada 2013 dos *Estudos Semióticos* para usufruto dos leitores. Neste número, o periódico dá mais um passo no propósito de confirmar-se veículo de expressão nacional e internacional para pesquisas realizadas no campo da Semiótica e adjacências. Variada é a origem dos artigos aqui publicados. Alguns são provenientes de diversos Estados brasileiros (Paraná, Minas Gerais e São Paulo), a exemplo do que vem ocorrendo nos últimos anos. Outros dão mostra da crescente internacionalização do periódico. Do mesmo modo como aconteceu no número anterior, em que foram publicados três artigos de países sul-americanos, Argentina e Colômbia, e dois de europeus, Bélgica e Grécia, neste contam-se artigos originários da França, Portugal e, novamente, Argentina. O investimento na internacionalização dos *Estudos Semióticos* não é novidade desta temporada. Trata-se de um gesto esboçado já em edições precedentes, e que pouco a pouco tem ganhado maior espaço em nossas páginas.

A edição atual da revista *Estudos Semióticos* principia com o artigo de Anne Beyaert-Geslin, que discute a diacronia dos objetos, sua constituição, e o papel criativo da práxis enunciativa numa dinâmica que envolve a enunciação individual e a enunciação social das formas. Alguns artigos convergem quanto ao objeto selecionado para análise: o texto literário. Três deles analisam contos brasileiros. Vera Lucia Rodella Abriata e Renata Cristina Duarte, por exemplo, descrevem as estratégias enunciativas atuantes num conto de Ivan Ângelo, e Luciano Antonio promove a leitura semiótica de um conto de Machado de Assis. Já Eliane Soares de Lima examina os procedimentos de discursivização e de textualização que mobilizam pateticamente o leitor num conto de Guimarães Rosa. Francesco Giarusso, por sua vez, propõe elementos para uma fenomenologia da intertextualidade na obra do cineasta português João César Monteiro a partir do exame da citação literária.

Convergências poderão ser igualmente notadas, em diferentes âmbitos, entre contribuições que se valem

de referenciais teóricos por vezes próximos, como a Análise do Discurso francesa e a semiótica da Escola de Paris. Com pontos de partida e textos-objeto diferentes, os ensaios de Glaucia Maria Proença Lara (sobre textos da imprensa na França e no Brasil) e Anne Beyaert-Geslin (sobre objetos de design) mostram uma curiosa confluência terminológica. Aquele, aludindo às considerações de Maingueneau sobre o discurso, fala em «aforização» a propósito de fragmentos de enunciados destacados de seus textos de origem e que devem receber dos enunciatários, nos textos em que se reinserem, uma atenção redobrada; este, por sua vez, ao particularizar um setor em que o design de objetos se transforma com rapidez, evoca, lembrando a teoria de Greimas, a «aforia» do cromatismo pálido de que se revestiam os primeiros computadores pessoais a introduzir-se, ainda timidamente, na casa dos usuários, em contraste com uma segunda geração que viria afirmar, agora sem complexos, cores vivas euforizadas, uma vez já conquistado de modo irreversível o espaço doméstico dessas máquinas. Nesse caso, portanto, a similitude quase idêntica da terminologia («aforização»/«aforia») não deve dissimular o valor completamente distinto de uma coisa e outra, desde que devidamente consideradas as perspectivas eleitas pelas duas autoras.

Também figuram aqui dois artigos de viés mais teórico que prático-descritivo. Alpha Condeixa Simonetti, num deles, busca apresentar elementos que balizem o estudo da encenação teatral, e Irene Machado, noutro, remetendo sobretudo a Lózman, objetiva situar a semiótica no concerto das ciências humanas destacando a descrição e a síntese cognitiva como processos fundamentais do estudo semiótico da cultura. O artigo de Jean Cristtus Portela tem já natureza historiográfica e – no ano do centenário de falecimento do mestre genebrino – passa em revista a divulgação no Brasil do pensamento de Saussure, reconhecidamente uma das principais fontes de inspiração da semiótica de hoje; Conrado Moreira Mendes logra fazer uma leitura tensiva dos *faits divers*, por sobre o pano de fundo

* Editores Responsáveis .

das brilhantes análises outrora escritas por Barthes acerca desse gênero noticioso. Os textos de Alexandre Marcelo Bueno e Karina Verónica De Francesco se voltam para o discurso sociopolítico, cada qual a seu modo, enfocando momentos distintos da história latino-americana. O primeiro analisa o texto “O problema da nacionalização”, de Ribeiro Couto, que apresenta propostas para a solução do problema da assimilação de grupos imigrantes que se isolaram do restante da sociedade brasileira a fim de melhor manter seus valores, suas tradições e sua língua, e o segundo descreve como se tece, em textos de Raúl Alfonsín e de Cristina Kirchner, o *éthos* da figura política argentina em cenários de enfrentamento econômico com o setor agrário, usando como aporte teórico a Análise do Discurso francesa.

Teve continuidade, em 2013, a movimentação da agenda semiótica brasileira, que nestes últimos anos tem descrito uma trajetória ascendente e, pouco a pouco, mais aberta ao estrangeiro. Para mencionar apenas as iniciativas na Universidade de São Paulo, contamos no decorrer dos meses com as intervenções,

quer em palestras quer em breves cursos, de nomes importantes do quadro internacional, como Jean-Marie Klinkenberg (Grupo μ), Francesco Marsciani (Bolonha), Thomas Broden (Purdue), Driss Ablali (Metz), Herman Parret (Leuven), Sémir Badir (Liège) e, last but not least, Claude Zilberberg (Paris), o qual, além de revisitar São Paulo, proferiu conferências em Fortaleza e Niterói organizadas pelos respectivos grupos de semiótica. Outros centros de pesquisa, pelo país afora, levaram adiante suas atividades, mediante as quais se está formando uma nova geração de semioticistas; a revista *Estudos Semióticos* se concebe como um dos atores, entre muitos, desse mesmo cenário, num momento em que o Brasil vai se firmando como um dos principais polos de investigação na área.

Queremos, por fim, agradecer a toda a equipe editorial e, em particular, a Carolina Tomasi e Conrado Mendes, editores convidados das temporadas 2012 e 2013, pelo esmero com que administraram os trabalhos dos volumes 8 e 9 do periódico, contribuindo significativamente para seu avanço e divulgação mais ampla. ●